

O DESLOCAMENTO COMO PRÁTICA ARTÍSTICA: ARTE ROLÊ NO BUSÃO (GRUPO DE PESQUISA DESLOCC-UFPEL/ CNPQ)

WILLIAM ALEXSANDER SILVA DE SIQUEIRA; PEDRO ELIAS PARENTE;
EDUARDA AZEVEDO GONÇALVES

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – walexander91@gmail.com¹

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – pepsilveirarts@gmail.com²

*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) –
dudaeduarda.ufpel@gmail.com^{3(orientadora)}*

1. INTRODUÇÃO

No presente resumo são apresentadas reflexões suscitadas pela ação artística coletiva *Arte/rolê no busão*, realizada pelo grupo de pesquisa "Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas – DESLOCC CNPq/UFPEL", que ocorreram entre os anos de 2017 e 2018. Nestas práticas artísticas embarcamos em um ônibus circular interbairros, que tem uma rota centro- periferia na cidade de Pelotas, localizada no interior do Rio Grande do Sul. O deslocamento tinha o objetivo de conhecer as múltiplas faces da urbanidade que constitui a cidade, e ser perpassadas por experiências que desencadeassem a produção artística individual e coletiva do grupo.

O nome da ação "rolê do busão", advém da gíria de uso popular, referindo-se tanto ao andar pela cidade junto com a "galera" como ao transporte público. Na primeira fase, atravessamos as zonas centrais e periféricas buscando modos distintos de afetarmento pelos diferentes locais. Para alguns era a primeira vez que percorriam as ruas dos bairros, as zonas periféricas distantes do centro. A incursão as zonas desconhecias possibilitou uma conscientização das diversidades que compõem a cidade na qual vivemos. Entendemos o deslocamento como prática processual e artística que implicam um outro ponto de vista e modos de partilha do vivenciado. Segundo Ludmila Brandão:

Genericamente, deslocar é o ato de mudar algo de um lugar para outro, mas também significa mudança de direção, desvio no sentido do movimento de algum sujeito ou objeto. Essa operação tão corriqueira - afinal, estamos fazendo isso o tempo todo - dá ensejo a consequências nada desprezíveis. Tanto faz se é algum objeto sob nossa guarda que é deslocado (de uma paisagem a outra), ou se somos nós a escolher outro ponto de vista sobre esse objeto, o fato é que o mundo que se constitui a partir desse deslocamento é totalmente outro. (BRANDÃO, 2012).

Portanto, ao observar diversas características dos locais percorridos como passageiros do 'busão', recebemos possíveis ideias e imagens que potencializaram a produção artística de cada participante do grupo. Além disso, notamos as questões culturais e socioeconômicas evidenciadas que caracterizam a nossa cidade em sua multiplicidade. Posteriormente foram elaborados vídeos, fotografias, fotomontagens, como o trabalho *Sobreposições de tempo* de Pedro Elias Parente, que iremos abordar aqui, como um resultado visual e conceitual de uma rota percorrida por um artista.

2. METODOLOGIA

A metodologia é a pesquisa em arte com ênfase em poéticas visuais que evidencia as motivações, as questões e saberes implicados no processo de criação do artista. O processo é iniciado a partir do indicativo coletivo de uma rota e possíveis veículos para percorrê-la. Na ação “Arte rolê do busão”, determinamos a rota por meio de informações do sistema de transporte coletivo de Pelotas, tendo em vista a passagem por bairros que os integrantes ainda não haviam percorrido. Cada participante leva consigo instrumentos e aparelhos de registro, como cadernos e lápis de desenho, máquinas fotográficas, celulares e captadores de som, etc. Durante o trajeto cada qual observa e capta o que lhe afeta em função de interesses poéticos. Após o percurso os artistas reúnem os materiais coletados e desenvolvem trabalhos artísticos que são compartilhados em diferentes mídias.

Desta maneira, podemos pensar o artista norte americano Robert Smithson como um referencial metodológico e artístico para prospectar o cotidiano. Smithson que fez grandes intervenções em meio a desertos e paisagens diversas, também realizou trabalhos de cunho mais intimista, como *Um passeio pelos monumentos de Passaic, Nova Jersey* (1967). Esse trabalho advém do deslocamento de Nova York à sua cidade natal, Passaic, e transcorreu da seguinte forma: após comprar um jornal *New York Times* do dia, acompanhado de um livro sobre *Earthworks*, de Brian W. Aldiss, e sua câmera fotográfica Instamatic 400, Smithson toma um ônibus em direção à cidade que dá título a seu trabalho. No momento em que chega ao local avista uma ponte, puxa a campainha e desce da condução (2006, p.11). Assim inicia sua prospecção em torno dos elementos arquitetônicos presentes no lugar, como: canos escoadouros, estradas decadentes, resíduos industriais, entre outros componentes que também fotografou. As 24 fotos resultantes do processo, juntaram-se a um mapa em negativo da região, bem como a seus relatos, integrando uma exposição na Galeria de Virgínia Dwan (Nova York), ao mesmo tempo em que integraram a revista *Artforum*. Na sequência, Smithson realiza uma publicação de igual título, contendo os mesmos elementos da exposição e da revista acima mencionadas. Diferentemente de Smithson, não descemos do ônibus, pelo contrário, nos interessamos em olhar para dentro dele, para os diferentes tempos, materiais e raças presentes no interior do ônibus, bem como ao olhar para fora, percebemos ruínas e os diversos tempos e realidades que compõem a cidade. Não caminhamos para investigar, viajamos de ônibus. Porém, assim como Smithson, olhamos para estes elementos urbanos com um olhar que busca as potências para uma reflexão e produção de arte.

3. Resultados e discussões

Como resultado do deslocamento enquanto prática artística, são elaborados textos para publicação e apresentação de trabalho, assim como trabalhos artísticos, cito *Sobreposições de tempos* (Fig. 1 e 2) de Pedro Elias Parente a partir de suas considerações:

Ao entrar em imersão no trajeto e no dispositivo ônibus, elenco pontos de interesse como: a arquitetura da cidade, os passageiros, e as oposições temporais presentes no cotidiano. Assim, atentei para as múltiplas camadas de tempo que se apresentam tanto no interior quanto no exterior do ônibus. Nos rostos, janelas, no vai e vem de passageiros, nos tempos que se entrecruzam e interagem. Em alguns momentos se revela uma cidade em abandono, edificações que datam de 50, 60 anos atrás fechadas, como baús que guardam a história de Pelotas. Em outras, prédios se erguendo, potencialidades de futuro que ainda não se concretizaram. Dentre os aspectos heterogêneos urbanos, se ressaltam ao meu olhar, as ilhas verdes, onde existe um silêncio, um tempo em suspensão e lento. Por outro lado, os

rumores da cidade de concreto e aço, das edificações que bloqueiam a vista apresentam toda a velocidade da contemporaneidade. A janela do ônibus traz à tona estas cidades, que servem de passagem, que passam e viram memórias. Para dar a ver esses múltiplos tempos, procurei trabalhar com fotografias impressas em lâminas de retroprojeter e busquei na sobreposição dessas imagens a união dos diversos tempos e cidades que se apresentam dentro e fora do ônibus. (SILVEIRA, 2018, p. 252)



Figura 1 e 2. Pedro Elias Parente. Sobreposições de tempos. Edição digital, lamina de acetato, impressão a jato, 21 x 29,7cm, 2018. Fonte: Acervo do Artista.

Olhar para zonas consideradas invisíveis é um modo de se relacionar de outra maneira com o local que vivemos, assim como subverter a lógica empregado pelo capitalismo ao transporte público, ou seja um automotivo coletivo para facilitar o acesso ao trabalho. O grupo utilizou o transporte para poetizar o mundo. Jean Baudrillard ao refletir sobre o papel que o carro desempenha nas relações sociais, no cotidiano e no sistema de produção global nos fala: “Mais do que em qualquer outro lugar torna se aí perceptível à convivência entre um sistema subjetivo de necessidades e um sistema objetivo de produção” (Baudrillard, 2009, p.74). Diferente do carro, que podemos guiá-lo ao rumo desejado, no ônibus somos conduzidos por um trajeto pré-determinado. Porém, a capacidade de gerar mobilidade sem um grande esforço e a velocidade os aproxima. Assim, Baudrillard atesta: A Velocidade tem como efeito, ao integrar o espaço-tempo, reduzir o mundo a duas dimensões, a uma imagem, vem ela livre de seu relevo e de seu devir, entrega-se de certo modo a uma imobilidade sublime e a uma contemplação. ‘o movimento’, diz Scheilling, ‘é somente a procura do repouso’. (BAUDRILLARD, 2009, p 74). Durante o deslocamento observamos no interior do ônibus os rostos, etnias, gêneros diversos as diferentes cores e sons e o ritmo veloz da cidade. Às vezes ao olharmos para fora, esquecemos que estamos num ônibus e entramos num estado de suspensão semelhante ao revelado no texto de Baudrillard supracitado. Através dos vidros enxergamos várias cidades numa só. Percebemos assim, que este veículo, permite uma observação privilegiada das várias facetas de nossa sociedade. Os artistas que participaram produziram imagens, fotomontagens, videos, performances e instalações sonoras. A produção foi compartilhada em ensaios visuais, exposições e anais de eventos.

4. CONCLUSÕES

Novas perspectivas são geradas através destes deslocamentos pela cidade,

que suscitam questionamentos e reverberam em experimentos imagéticos com cor, sobreposições, desfoques, velocidade, que nascem de um olhar para a multiplicidade sócio-cultural, geográfica, arquitetônica presente na cidade. Originam-se assim novos olhares e vivências do local habitado. Deslocar no ônibus trouxe a tona modos distintos de como captar e abordar a cidade. Ele, torna-se muito mais do que um veículo de locomoção e passa a ser o propulsor e potencializador de processos criativos, transportando a produção da arte para fora do ateliê e a colocando em meio a vida cotidiana, evidenciando que para produzir arte basta sentar e atentar ao ambiente que nos cerca, não tendo necessidade de um ambiente fechado por paredes como o ateliê.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. Coleção debates. São Paulo: Perspectiva, 2012.

Artigo

BRANDÃO, Ludmila. Deslocamentos contemporâneos: **notas sobre memória e arte**. **Cienc. Cult.** vol.64 no.1 São Paulo Jan. 2012. (Arquivo digital) Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252012000100020

SMITHSON, Robert. **Un recorrido por los monumentos de Passaic, Nueva Jersey**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

Texto completo de Anais e Editais

SILVEIRA, Pedro Elias (et al). Arte/Rolê no Buzão: cotidiano/ atentar, observar, andar de ônibus para provocar o start da criação na cidade. In: **Anais do 26º Seminário Nacional de Arte e Educação**. O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE. FUNDARTE. Montenegro, 2018. Disponível em: <http://www.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/541/669>